

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ROSA MATILDE FERRAZ

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Campinas

2005

ROSA MATILDE FERRAZ

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

Campinas

2005

Caçador de mim

Por tanto amor, por tanta emoção

A vida me fez assim

Doce ou atroz, manso ou feroz

Eu, caçador de mim

Preso a canções

Entregue a paixões

Que nunca tiveram fim

Vou me encontrar

Longe do meu lugar

Eu, caçador de mim

Nada a temer

Se não o correr da luta

Nada a fazer

Senão esquecer o medo

Abrir o peito à força

Numa procura

Fugir as armadilhas da mata escura

Longe se vai sonhando demais

Mas onde se chega assim

Vou descobrir o que me faz sentir

Eu, caçador de mim

(Sergio Magrão e Luis Carlos Sá)

AGRADECIMENTOS

A Deus principalmente, por me guiar em todos os momentos da minha formação, provendo de todas as formas, a “sorte” em minha vida.

Dedico este memorial à minha mãe, pois sem ela este não existiria, a meu pai, meu esposo que dispensou boa parte do seu tempo me ajudando em trabalhos, lendo e dando opiniões de extrema importância e ao meu eterno “bebê”, meu querido filho que mesmo implorando: “... mãe não vá à aula hoje não!” segurou as “pontas” e do seu jeitinho me compreendeu.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Por que, para quê e até quando?	8
“Só ia ser professor quem não dava para mais nada”	14
A vida me fez assim...	19
Éramos, pois alunas do primeiro semestre do curso de Pedagogia, PROESF	27
Mais contribuições..., mais reflexões...	33
Um pouco da minha utopia - artes	47
Considerações finais	50
Referencias	51
Anexos	53

APRESENTAÇÃO

Faço um convite ao leitor a reviver comigo minhas memórias, construídas em meio á dúvidas, angústias e algumas realizações.

Nesta narrativa, faço uma ponte entre o passado e o presente, lembrando, refletindo e concluindo a partir do conhecimento científico adquirido no curso de Pedagogia – PROESF.

Na minha trajetória político-pedagógica, focalizo a desvalorização do Profissional da Educação e suas conseqüências tanto na vida profissional, quanto na vida pessoal de cada um de nós educadores, fazendo uma relação com as professoras que lecionaram no período mesmo período de minha mãe (1960 – 1985). Sendo este um dos focos deste memorial, coloco um pouco da minha utopia, ao analisar a ARTE, como uma das disciplinas que poderiam mudar o curso de nossa história, se ela tivesse o mesmo mérito que outras disciplinas como Português e Matemática o têm, na educação. Portanto, a escolha destes dois focos, a ARTE e a desvalorização do profissional, ficam claras a partir do momento que o leitor conhecer a forma como me tornei professora. Enfatizo, novamente, que todas as reflexões contidas neste memorial, só foram possíveis graças ao conhecimento científico, às discussões em sala de aula, os seminários, as palestras, as músicas, os filmes, ambos vivenciados nestes seis semestres de formação do curso de Pedagogia – PROESF.

POR QUÊ, PARA QUÊ E ATÉ QUANDO?

“Vim fazer o curso do magistério porque não tive outra possibilidade” Só ia ser professor quem não dava para mais nada (p. 52) Paulo Freire

É constrangedor iniciar um memorial desta forma, com uma citação em que reduz o professor a “quase nada” mediante a sua escolha profissional. Porém, se a proposta deste trabalho é exatamente resgatar a memória dentro da formação profissional, não poderia começar sem dizer que vivenciei o dito popular: “filha de pobre, só pode ser professora”.

Sou filha de uma professora e de um caminhoneiro, ambos aposentados e que sempre lutaram para o bem estar da família. Não se mediam esforços para este bem estar, para tanto, como pais, eram ausentes e quando presentes, muito severos na criação dos filhos.

Na minha infância me recordo do contato com as empregadas que sempre tiveram total importância em nossa criação. Quando uma delas se ausentava por algum motivo, eu acompanhava minha mãe até seu local de trabalho, e na escola, permanecia todo o período. A repreensão por parte de minha mãe era tão grande, que várias foram as vezes que urinei na sala de aula de minha própria mãe, pelo medo que sentia na sua presença.

Cresci desta forma, guiada pelo medo e lutando sempre para não desapontar a “imagem” de professora que minha mãe havia construído.

Sempre ouvia minha mãe dizer que o negro tem que se destacar pelo seu bom desempenho para que ele consiga algum reconhecimento em nossa sociedade. Portanto, não bastava eu ser a melhor aluna em minha sala de aula, no catecismo eu deveria decorar todas as rezas, nas missas eu deveria fazer parte do coral e da liturgia. Em casa, mesmo estando com crise de bronquite eu deveria deixar a casa brilhando e aos quinze anos, eu deveria fazer o magistério para ser professora.

Na minha angústia, busquei na profissão da minha mãe, todos os pontos negativos e hoje para “completar”, cometo o mesmo erro que a minha mãe cometeu durante 25 anos de sua vida, pela profissão.

No ano em que sairia a sua aposentadoria em 1985, ela teve câncer pela segunda vez, desta vez na mama, muitos dizem que foi milagre, pois o diagnóstico veio tarde, na verdade, a busca por ajuda foi adiada porque um “bom” professor raramente falta! Neste mesmo período entre 1985 e 1990, outras duas professoras tiveram câncer de mama, mas não tiveram a mesma sorte que minha mãe e hoje, Bélgica Aleoni Borges e Jeni Bonadia Santarosa são nomes de escolas Estaduais.

Ao dizer que cometo o mesmo que a minha mãe cometeu durante 25 anos de vida, me refiro a minha vida num todo. Passo onze horas numa escola, para dar o mínimo para o meu filho e pagar as minhas contas. Meu filho esta brincando, querendo por tudo ficar ao meu lado, mas além dos trabalhos da faculdade, tenho provas e trabalhos dos meus alunos para corrigir. Infelizmente dispenso mais tempo e atenção aos meus alunos, do que ao meu filho.

Na sala de aula, às vezes sinto fluir uma troca telepática sensacional e frustrante ao mesmo tempo. Aos meus alunos, os chamo de filhos, e várias foram as vezes que escutei a palavra mãe de alguns alunos. Embora isto seja plausível, pois também demonstra o amor entre ambos, gostaria de ter outras cinco horas de total dedicação a minha família. Se este é um sonho, quando irá se concretizar? Talvez agora o leitor me pergunte: Onde você quer chegar?

Acredito que este sonho não seja simplesmente meu, pois a valorização do profissional da educação está longe de ser tornar realidade. Lembre-se de que o professor tem que estar preparado para tantas coisas: inclusão, problemas de aprendizagem, problemas familiares e psicológicos de seus alunos, aberto a novas metodologias, concepções de ensino, para o bem estar de seus alunos..., mas e o professor? O que é o professor senão mais um número

substituível como qualquer outro profissional? É doloroso tanto escrever como ler tais coisas, mas no dia-a-dia de uma escola esta é a sensação que muitos educadores sentem. Ou então, como poderíamos explicar tantos professores do ensino fundamental se medicando com Fluoxetina, fazendo controles de anemias e outras tantas doenças relacionadas ao estresse.

Toda ideologia lançada pelo governo em relação à educação visa “valorizar” o aluno, pois ele deve ser sempre o centro das atenções, enquanto o professor fica esquecido atrás de sua mesa contando com uma das únicas ferramentas de trabalho: seu giz, a sua lousa e seu apagador.

Num mundo globalizado, a tecnologia chega ao professor como uma necessidade urgente, e citando um exemplo, muitos professores no curso de Pedagogia tiveram seu primeiro contato com um computador em uma das disciplinas do curso, Tecnologia e Educação. A necessidade e a urgência em se familiarizar com esta importante ferramenta de trabalho frustrou a muitas. Imagine o professor fazendo uma capacitação oferecida pela sua Secretaria de Educação, de trinta horas sobre a informática para poder auxiliar seus alunos. Para onde os professores conduziriam seus alunos? “Como só se leva o outro até onde você mesmo já foi”, não é de extrema importância que o professor tenha disponibilidade para experimentar todo o processo para que este venha ter satisfação?

Ter sucesso na inclusão, pois o professor também teve gozo em experimentar e realmente entender as necessidades especiais de todos os seus alunos?

Pois bem, olha quanta valorização, quem disse que os professores não são capacitados? Abre-se até cursos de Pedagogia para professores em exercício! Se a educação no Brasil só retroage, o único responsável é o professor!

Com estas palavras, um tanto quando agressivas, não quero dizer que toda gama de conhecimentos e conceitos construídos no curso de Pedagogia seja em vão, muito pelo contrário. Acredito que todos os conhecimentos científicos foram de extrema importância,

sem eles, eu não poderia refletir e jamais chegaria a qualquer conclusão e o pior, talvez jamais teria a esperança em acreditar que uma sociedade possa um dia ter uma visão libertadora se tornando uma sociedade crítica e participativa através da nossa educação. Porém, sabemos que para este fim, o professor deve se “desdobrar” e neste caminho a percorrer, o professor em primeiro lugar deve ser um investigador que observa, descreve relatórios, socializa, analisa e avalia um conteúdo a ser trabalhado no ano letivo para maior sucesso na educação. É claro, que todo este trabalho faz parte não só de um professor, mas de todos os envolvidos na educação. Até onde sei, ou melhor, onde isto acontece? A que nível de investigação isto chega?

Propor representações de realidades estranhas aos alunos, todos nós sabemos que é em vão, devemos sim, refletir em conteúdos numa situação existencial que abram leques temáticos a serem trabalhados com nossos alunos. Mas durante todo ano letivo, quais são os momentos oferecidos pela Secretaria da Educação ou mesmo por outros órgãos equivalentes a estes, momentos de extrema importância quando, na verdade, o conteúdo já vem pré-estabelecido?

Se há uma investigação quanto ao conteúdo programático, em que patamares ele se encontra? Na escola? Não seria este o lugar ideal para esta investigação? E ainda, se na escola houvesse a gestão democrática, em que todos realmente estivessem envolvidos, onde a direção estivesse em completa harmonia com a coordenação pedagógica, comunidade e professores tivessem um mesmo objetivo traçado, esta investigação não seria possível?

Lemos que o homem no mundo e com o mundo são seres de transformação e não de adaptação, mas em que sentido? Quantas vezes, inúmeros profissionais da educação tiveram que se adaptar as precárias situações de trabalho? Onde está a valorização do profissional?

Afirmo que há valorização do profissional da educação ao se pensar em estratégias, metodologias, concepções de ensino..., este apoio é fundamental para o educador e é com ele

que este se ancorará nas tomadas de decisão no processo ensino-aprendizagem. Mas a valorização deveria ser maior, e ela é um dos indicativos que mostram o quando a educação no Brasil não tem o investimento devido.

O professor valorizado não dobraria período, não se “doparia” para continuar lecionando, não morreria sem antes colher seus próprios frutos, teria disponibilidade de tempo para estudar, investigar e refletir sobre a educação. Teria prazer com a tecnologia, pois em primeiro lugar, o faria como um indispensável instrumento de trabalho. Não teria dúvida quanto a sua tomada de decisão em relação à inclusão, pois em todas as circunstâncias, teria primeiro experimentado com gozo todo o processo e concluindo, convidaria o aluno a viajar pelo conhecimento, pois este caminho, o próprio professor já percorreu.

Infelizmente somos o fruto de uma geração guiada pela rígida disciplina, onde a educação tradicional não visava o diálogo, os conhecimentos eram apenas transmitidos e, conseqüentemente, hoje somos agentes passivos no processo de transformação da sociedade e ainda estamos nos adaptando às transformações impostas.

No decorrer do curso de pedagogia, tanto conhecimento foi construído, elaborado, quantas esperanças surgiam, o desejo de lutar para que as futuras consciências sejam libertadas pelo conhecimento construído, e me vejo, com uma responsabilidade enorme, por ter esta consciência e não ter disponibilidade de tempo para ser uma investigadora no processo educacional, por muitas vezes estar contribuindo para que as ideologias neoliberais tenham seu fluxo intenso na minha escola.

No livro de Paulo Freire *Pedagogia do Oprimido*, ele relata que os homens são seres de práxis, pois são seres do “quefazer”, diferentes dos animais que são seres do puro fazer, agora eu, primeiramente mãe de um menino espetacular e mãe de setenta crianças, ocupando um lugar de inigualável responsabilidade, mediando-os a um futuro onde várias sementes serão lançadas durante todo o ano letivo, me pergunto: estarei eu sendo um ser do puro fazer,

ou estarei refletindo e agindo de maneira correta, incidindo sobre as estruturas a serem transformadas ou pior, tendo a ilusão do fazer certo, e contribuindo para a “manipulação dos exatamente por quem, por sua própria natureza, não podem fazê-lo?” Paulo Freire (1970, p.146)

Portanto, para quê, por quê e até quando, são perguntas das quais nós já temos respostas e é angustiante saber que para mudar a “cara” desta sociedade, muito depende de nós.

Em apenas um ano, temos contato com centenas de crianças que trazem dentro de si a esperança, a fé, que já se esfriou em muitos de nós. Simplesmente vê-las entrando e saindo da escola não é suficiente. Dizer que ensinamos e a criança fingir que aprende é um teatro que não deve mais ser encenado e também dizer, estou fazendo a minha parte, não basta. Devemos primeiramente nos despir do individualismo fortemente enraizado e acredito que a partir deste passo, muitos virão rumo a uma educação libertadora.

“SÓ IA SER PROFESSOR QUEM NÃO DAVA PARA MAIS NADA”

Sempre fui muito apaixonada pela educação artística, e durante minha infância dos sete aos dezesseis anos eu realmente “tinha” uma relação fascinante com o lápis e o papel e em meus devaneios, a música, a natureza, meus quadros, faziam parte da minha futura vida adulta. Infelizmente este sonho foi se esfriando, se esfriando até que se congelou. Congelou porque a escola nem sempre proporcionou experiências significativas do ponto de vista visual.

Quando eu estava na quinta série, durante uma aula de português, comecei a desenhar a face de uma colega enquanto a mesma lia para todos a sua redação. Como ela tinha os traços marcantes, um pouco oriental, uma beleza que me chamou atenção desenhiei-a rapidamente, mas com uma perfeição incrível. Foi um dos desenhos que nunca esqueci de tê-lo feito. Um colega ao meu lado viu o desenho, tomou da minha mão, e rapidamente e em silêncio, todos os meus colegas admiravam a grande semelhança. Como percebi a agitação da sala, comecei a ficar nervosa e dei meu desenho para o primeiro que pediu. Puxa vida..., estava tão nervosa com uma possível repreensão que fiz esta besteira; inclusive, uma da quais não me perdôo até hoje.

Eu tinha apenas onze, mas tinha tanta criatividade... Com esta mesma professora de português, Dona Nancy, fiz uma redação maravilhosa sobre as drogas. Para minha maior surpresa, minha redação foi escolhida por meus colegas de sala, inclusive pela professora, que a colocou numa página do jornal da cidade: Tribuna Liberal. Este jornal também sumiu, tinha guardado, mas não sei mais por onde anda.

Engraçado como as escolas criam diversos ambientes de “alfabetização” para as mais valorizadas áreas do saber como matemática e português. Em pensar que só produzi um texto maravilhoso como aquele, pois não tinha até então bloqueios com a minha principal forma de expressão, a arte, mas antes de concluir esta minha idéia, não posso esquecer de mencionar

que tive somente um professor de Educação Artística que tenha dado valor a minha arte. Roberto era seu nome, e ele tornou-se tão inesquecível que ainda me lembro do seu cheiro de “leite de rosas...”. Numa determinada aula, ele sentou-se ao meu lado e me deu umas dicas para que eu pudesse aperfeiçoar os traços da face humana, os olhos, o nariz, a boca..., momento pelo qual, também não esqueço.

Fernando Pessoa, muito apropriadamente, diz que a função da arte é aperfeiçoar a subjetividade da vida. Quão profundo e significativo é esta reflexão, pois a partir do momento que começaram a surgir interferências negativas na minha forma de expressão, meu mundo foi ficando acinzentado.

Mais precisamente da sétima série em diante, quando tinha meus treze anos, na escola, não se falava em outra coisa a não ser sobre a futura profissão. Bom, a única certeza que eu tinha é que iria continuar a desenhar, mas não demorou muito para começar a aparecer as interferências das quais já mencionei. Primeiro ouvi esta frase proferida pela minha mãe: “Quero ver você ganhar dinheiro com estes desenhos!”; a segunda interferência diz respeito aos comentários da minha de sala em relação a cursos, remunerações e as áreas de atuação e terceira e última, a decisão que a minha mãe tomou para a minha vida. Engraçada foi à opção que ela me deu: “Se você não passar no vestibulinho para o magistério, vou colocá-la de empregada na casa de minhas amigas!”

No primeiro ano de magistério, despertou em mim uma revolta muito grande, a mudança de comportamento foi praticamente da água para o vinho. Eu simplesmente matava aula, meu contato com drogas foi neste período, levei duas suspensões só no primeiro ano, mas ainda guardo boas lembranças do magistério por ter apresentado várias peças de teatro para explicar alguma matéria estudada. Eu fazia sempre o papel principal, eu era o átomo moderno, a mãe de santo que incorporava Aristóteles, o anjo mal num teatro mudo de máscaras...

Os anos se passavam, e a arte foi ficando para trás, minha revolta estava impressa nas roupas, não mais no comportamento e hoje, infelizmente, já não tenho tanta facilidade em me expressar como antes. Não tenho mais a familiaridade com o lápis e o papel, pois não tenho tempo para mim e a criatividade se perdeu durante o meu percurso, meu humor varia demais... e por ser uma pessoa crítica, prefiro o silêncio.

Tudo poderia ser diferente se a educação criasse ambientes “alfabetizantes” não só para as áreas de português e matemática, mas para ARTE.

Um dos objetivos das artes visuais é que cada aluno, conquistando seu próprio traço, aprenda a respeitar o do outro, e que respeitando as diferenças individuais, aprenda a conviver em grupo de forma cooperativa, construindo assim a unidade dentro da diversidade.

Tudo poderia ser diferente... Na escola realmente haveria uma equipe pedagógica, pois todos saberiam conviver, conseqüentemente teríamos mais tempo para a pesquisa, reflexão, investigação. Não se perderia tempo com as dinâmicas de grupo e os famosos textos de auto-ajuda que abrem as reuniões de coordenação e as reuniões administrativas, como se fossem fazer verdadeiros milagres dentro da escola. Seria diferente, pois não haveria o individualismo.

Seria diferente porque a comunidade se comprometeria com as práticas educativas e com as condições concretas para a sua realização, pois todos teriam completa consciência da necessidade da cooperação num processo de emancipação. Jamais ouviríamos das crianças, dos colegas educadores e dos colegas de faculdades, enfim, de todos os envolvidos com a educação, frases do tipo: “... fulano é negro, mas é uma gracinha...”, “... vocês acreditam que minha filha esta namorando um moreninho?” ou pior “... Só falta ser uma professora do PROESF!”, pois todos respeitariam as diferenças individuais...

Seria diferente, pois os alunos seriam mais criativos, produziriam texto da alta qualidade, não haveria indisciplina. Os hiperativos canalizariam sua agitação na arte, visto

que grande parte deles ama a pintura, pois na maioria das vezes, esta é a sua única forma de expressão visto que na escola, o aluno tem que disciplinar seu corpo às cinco horas sentados.

Seria diferente, pois através de um simples desenho, a professora conseguiria sentir as emoções tanto negativas quanto positivas das crianças, e assim, auxiliá-las no que fosse possível.

Sim, seria diferente principalmente porque nossas vidas teriam mais cores vivas, como se em nossa caminhada, estivéssemos colorindo um grande quadro que ao fim dela, este se tornaria imortal e insubstituível.

A partir do momento que vi que não poderia estudar o que eu realmente queria, ainda no magistério, resolvi que iria trabalhar. Não importa, faria qualquer coisa, mas o orgulho da minha mãe impediu mais esta realização.

Numa feira empresarial que teve em minha escola, José de Anchieta, no último ano de magistério, em 1995, voluntariamente o meu grupo de trabalho colaborou com o jornal Tribuna Liberal para dar-lhes a assistência necessária para um bom andamento deste evento. Ao fim desta feira, surgiu uma oportunidade para um emprego. A diretora do jornal nos ofereceu um cargo de contato publicitário, simplesmente resolvi que iria.

Nesta minha primeira ocupação, entrava em contato por telefone com pessoas físicas e jurídicas para vender a imagem do jornal. Foi um desastre, foram tantos esforços, quando não estava no telefone, andava nas ruas entrando e saindo de loja em loja, de clínica em clínica e nada. Está certo que nunca tive o dom da eloquência, mas acredito que com esforço, tudo é possível ah, e minha mãe, só observando... Parece até que ela estava prevendo como isto iria terminar e terminou como ela imaginou. Não durou um mês e resolvi que iria só estudar, mas fico contente, pois meus esforços foram reconhecidos pela própria diretora do jornal.

No fim do ano de 1995, todas as alunas eufóricas combinavam entre si como seria a cerimônia de formatura e eu, desde o princípio havia deixado bem claro que não participaria.

Meu único desejo neste último ano era viajar com meu grupo de estudo. Por fim a informação vazou e foram todas as turmas do curso de magistério, do curso noturno de administração...

Concluindo, viajei por viajar, já conhecia o Balneário de Camburiu, em Santa Catarina, não me diverti tanto quando as outras.

Pode até parecer que sou um pouco egoísta mas, no curso de magistério eu não era tão “popular assim”.

Já começou tudo errado e o pior, eu era errada, quando respondia com verdade. Do primeiro ano de magistério até o último, a pergunta: “Por que você quer ser professora?”, permeava todo o curso e minha resposta, embora verdadeira, refletia negativamente ao ouvinte, afinal, como uma filha de uma renomada professora da cidade tem a coragem de dizer isto! Eu fui tão massacrada por dizer a verdade, que o “grupão” incomodado, sutilmente me excluía e aos poucos, fui me isolando das discussões em sala, das discussões em grupo, das festas e por falta de opção me calei por completo. Justifico esta falta de opção, pois nunca tive por parte de colegas e tão pouco de professores e de familiares o estímulo, o incentivo, o encorajamento a aprender aproximando-se do novo, “do desconhecido, e é muito importante nesse caminho ter alguém em quem confiar, alguém que nos diga: ‘vai/vá’; alguém que nos diga: ‘vem’; ou alguém que seja capaz de dizer: ‘vamos’”. Estudar e tirar boas notas num curso que eu não me identificava, como sempre dizia minha mãe: “Não fez mais que a sua obrigação!”

E foi assim, na calma, que em 1996 assinei um contrato com o Estado para ser estagiária por dois anos.

A VIDA ME FEZ ASSIM...

Por tanto amor, por tanta emoção

A vida me fez assim

Doce ou atroz, manso ou feroz

Eu, caçador de mim

Preso a canções

Entregue a paixões que nunca

tiveram fim

Vou me encontrar longe do meu lugar

Eu, caçador de mim...

Nestes dois anos de estágio remunerado no Estado, entre 1996 e 1998, embora passasse quatro horas dentro de uma escola, era completamente alienada. Apenas meu corpo estava presente, ficava sonhando em meu mundo, mas não deixava de ser prestativa e tão pouco tinha dificuldade em me relacionar com os alunos quando eventualmente lecionava. Incrível é a relação que eu estabelecia com as crianças, principalmente com os maiores, de terceiras e quartas séries.

Eu era simples, negra e pobre, com certeza como a maioria de meus alunos, porém despojada de preconceito e talvez, este era o elo que sempre me uniu aos alunos, a identificação, afinal, na escola aprendemos sempre o que é ser ideal, o aluno ideal, a profissão ideal, o professor ideal..., mas afinal, o que é ideal? Acredito que a identificação é apenas o começo, o verdadeiro elo, na minha concepção sempre foi e sempre será o genuíno amor, a compreensão dos excluídos, dos que nunca foram, e dos que, segundo o nosso sistema capitalista, nunca serão ideais.

Aos vinte anos, em 1997 tive meu filho, fruto de uma relação ilícita e é a partir daí, que a “roda da vida” passa a me “presentear”.

Aos espectadores, somou um motivo que justificava a negação e o afastamento, o fato de eu ser mãe solteira. Porém, foi com a maternidade que começo a tirar as vendas dos meus olhos e todo o encorajamento, os estímulos e os incentivos externos que eu não tive, afloraram e passei a lutar.

Terminado o meu contrato com o Estado, fui trabalhar num supermercado de operadora de caixa, vendendo minha força de trabalho por um salário indigno. Naquele grupo, trabalhávamos até doze horas, nos fins de semana, nos feriados e tínhamos descanso apenas um dia na semana e, quanto nos orgulhávamos de estar empregados... A tensão ao desemprego era sempre presente e isto nos tornava escravos, evidentemente alienados do processo, pois vivenciávamos o progresso da empresa ao passo que contenção de despesas deixava todo mês, homens e mulheres desempregados.

Depois de sete meses de trabalho, eu também me encontrava desempregada nas filas das agências à procura de um emprego. Achei que este medo ao desemprego estivesse presente apenas no comércio, nas pequenas e médias empresas, mas me enganei quando passei a entender o porquê do silêncio mediante a grande revolta que os professores sentiam no município do qual eu vim a fazer parte depois de dois longos anos desempregada.

Saliento que nestes anos de desespero, de angústia, obtive apenas o apoio de meu futuro esposo, pois numa sociedade onde as idéias neoliberais foram depositadas inconscientemente através da escola, da religião, dos meios de comunicação..., o problema era apenas meu, o insucesso era fruto da minha incompetência, portanto enxergar o outro e suas reais necessidades é um exercício que exige um esforço que a muitos, não interessa.

Mais uma vez, uso a palavra “amor”, pois só ela é capaz de unir realmente as pessoas a construírem um mundo melhor. Foi com a sua ajuda e posteriormente com o conhecimento que consegui acreditar que havia um lugar esperando por mim.

No fim do túnel enxerguei a grande preocupação das palavras de minha mãe ao dizer: “Quero ver você ganhar dinheiro com esses desenhos!”. Entendo isso hoje como uma forma de amor, pois embora fosse explícita minha relação com a arte, ela já compreendia o processo e talvez acreditasse que a educação seria a ponte que conduziria a ARTE.

Longe se vai sonhando demais

Mas onde se chega assim

Vou descobrir o que me faz sentir

Eu caçador de mim

Acredito que todo artista é sonhador, e embora todo educador deva ser um eterno sonhador, onde se chega somente sonhando? Portanto com esta letra de Sergio Magrão e Luis Carlos Sá, eu quero dizer que dentro da nossa educação, a ARTE, também não tem a sua devida valorização, e o que me faz sentir livre é a ARTE e eu posso e quero guiar outros a percorrerem comigo este caminho.

No dia 13 de agosto de 2001, assinei contrato com a prefeitura de Hortolândia. Agora eu era uma professora concursada cheia de esperanças, pronta para o novo. Ainda estava aceso dentro de mim o propósito de que eu lutaria, mas com calma, no sentido de não ser presunçosa, deixei que a vida me conduzisse ao melhor caminho.

E foi isso, tudo ia acontecendo muito rápido. No segundo semestre deste ano, de 2001, tive contato pela primeira vez com a educação infantil. Eram crianças de quatro e cinco anos. Identifiquei-me muito, pois também era a idade do meu filho e todo o esforço que eu gostaria que o professor do meu filho tivesse para com ele, eu fazia aos meus alunos, me colocando

como professora e mãe. Eu me doava de corpo e alma, eu os amava e me emocionava ao saber que muitos alunos choravam e se recusavam a entrar na escola com a minha ausência.

Tornei-me atenta a tudo que acontecia por detrás dos “bastidores” e me assustei com algumas coisas, tive a impressão do “déjà-vu”. Os professores desta prefeitura não tinham aumento salarial há oito anos, e havia um grupo de professores cujo salário era relativamente maior, pois faziam parte da gestão anterior. Esta revolta mediante a oito anos sem aumento tomava muito tempo das reuniões de coordenação e administração, e o mais estranho é que embora fossem discussões fervorosas, nunca se cogitava numa paralisação.

Muitos eram os professores que exoneravam o cargo e entravam em outras prefeituras. Excelentes profissionais da educação esta prefeitura perdeu, percebi que esta passou a ser a maior forma de reivindicação.

Percebi também que alguns professores “revolucionários” que tentavam mostrar a verdade nos libertando da opressão através de seus conhecimentos, sofriam fortes represálias e isto intimidava a maioria que se encontrava em período probatório.

Resumindo, a educação era de fachada. Eram oferecidos vários cursos remunerados de formação continuada ao professor e nas entrelinhas, exigia-se que fosse posto em prática todos os conhecimentos adquiridos.

Da mesma forma que a instituição escolar substitui a auto-estima do aluno pela avaliação, deixando-o à mercê do professor, o seu valor, acontecia também com o professor nesta prefeitura, já que o mesmo também recebia sua nota no final do ano letivo.

A avaliação ao professor era constante. Agora, imagine esta avaliação sendo feita por professores que se tornaram diretores ou coordenadores por principalmente e unicamente, indicação política, ou seja, estão em cargos de confiança.

É irônico imaginar a bela confiança e a relação que foram estabelecidas nestes termos entre diretor e coordenador, coordenador e professor, diretor e professor... Portanto quando

mentionei que nas reuniões pedagógicas e administrativas, grande parte do tempo, as professoras reclamavam sobre a atual situação, pensavam estar atingindo diretamente aqueles que os enviaram às escolas.

Faço referência ao sociólogo Philippe Perrenoud ao analisar as relações dentro das escolas, entre professores e alunos, “à fabricação da excelência escolar”. Segundo Perronoud, não importam muito as qualidades que o aluno traga ao entrar na escola, ele será submetido paulatinamente à hierarquia estabelecida pela escola e acabará correspondendo ao modelo imposto. E ao professor, analisando deste ponto ele também não é submetido a uma hierarquia e acaba, portanto, correspondendo ao modelo imposto?

Novamente me pergunto, será o professor um ser do puro fazer?

Visto que o professor é avaliado constantemente por seus alunos, pelo diretor, pelo coordenador, pelos seus colegas, pelos pais, de maneira formal ou informal, a aliança formada pelas hierarquias “fabricadas” dentro da instituição escolar e a avaliação, tornam-se um forte instrumento de controle.

Em meio a tanta tribulação, continuei atenta, cumprindo com minhas obrigações, deixando a vida “me levar”.

No primeiro semestre de 2002, continuei na educação infantil, e no período oposto fiz parte de um projeto na rede municipal chamado Projeto Vida. Foram abertas as inscrições, foi oferecida a capacitação aos professores inscritos e por fim a seleção.

Este projeto tinha por objetivo: sensibilizar os alunos para a necessidade de cuidados com o meio ambiente; incentivar novos comportamentos e mudanças de hábitos e valorizar a importância da preservação do meio ambiente para uma melhor qualidade de vida.

Cada professora multiplicadora era responsável por desenvolver o projeto em três escolas. Nas escolas tínhamos o auxílio do corpo docente para concretização do trabalho: da

horta, do plantio de mudas e da construção do laguinho (lago artificial com peixes). Todas as atividades eram feitas com os alunos e os professores.

Alguns professores se recusavam a acompanhar os alunos até a horta, para o plantio ou até mesmo a colheita, mas embora encontrássemos resistência, o trabalho era gratificante, pois as crianças gostavam do que faziam, havia o envolvimento das crianças e muitas delas passaram a comer verduras e legumes com o desenvolvimento da horta.

Gostei muito de ter passado por esta experiência, e estava tão envolvida que nem dei tanta importância para um “tal” de processo seletivo para o curso de pedagogia da UNICAMP!

Em meus agradecimentos atribuí a minha “sorte” a Deus, pois a forma como as coisas começam a se desenrolar, em meio a uma situação opressora no trabalho, tudo parecia estar em meu favor, não há como não atribuir isto ao grandioso Criador.

Por tudo que passei, comecei a escutar mais, e falar menos, procurando uma forma de trazer a ARTE até a minha vida, pois ela me libertaria do silêncio. Então, concluí precipitadamente em não me inscrever para o processo seletivo, pois este nunca foi o meu objetivo, assim como o magistério.

Continuei lecionando tranqüilamente com a minha sala de aula e aplicando o Projeto Vida no período oposto até que um dia, na hora do intervalo, na EMEI Parque Orestes Ongaro, notei um grupo de professores conversando sobre um curso. Como sou uma excelente ouvinte, me aproximei e ao poucos fui me encaixando da roda. Sobre o que elas conversavam? Processo seletivo da UNICAMP. Piada?

Discutiam fervorosamente sobre as provas, das pessoas que por mérito dos estudos, fazem seus cursos lá e do nível de ensino. Uma delas olhou para mim e perguntou: “Você já se inscreveu?” Com um sorriso debochado, mostrando minha incapacidade, respondi que não, pois não tinha dinheiro para jogar fora. Naquele mesmo momento recebi encorajamento das

demais professoras, foi um momento mágico, pois pela primeira vez recebi um encorajamento mediante ao novo, alguém me disse “vai, vá, vamos...”, alguém que não eu, confiou na minha capacidade.

Voltei para casa, e este encorajamento foi fermentando, fermentando... e comecei a correr e a me preparar para o processo seletivo. Fiz a inscrição nos últimos dias, e ainda tirei dinheiro da onde não tinha para fazer um curso preparatório.

O curso era bem tarde, começava por volta das 19:30. Eu voltava correndo para o terminal dos transportes alternativos para pegar o último ônibus, não me lembro ao certo, mas foram duas ou três semanas nesta correria. Foi muito bom, pois a minha preocupação era em relação ao conhecimento teórico. Fazia apenas um ano que eu era concursada pela prefeitura, a experiência do estágio remunerado do Estado não somou em nada e o magistério, estava lá atrás..., eu precisava me atualizar, já que investimento foi grande para entrar.

E a minha mãe?

Acredito que aprendi a debochar com ela, pois ela apenas observava com um ar de... “Vamos ver o que vai dar!” E deu que, que no dia da prova para o processo seletivo, levei junto a minha torcida, meu filho e meu esposo e depois de quatro horas, saí da sala desgostosa, pois achei a prova razoável, mas tinha certeza que não passaria, pois deixei sem responder três questões. Comecei a responder a lápis para depois passar a limpo, e esse foi o meu maior erro. Elaborei as primeiras questões com calma, usando todos os conhecimentos adquiridos do curso e da minha prática, mas as últimas questões, deixaram muito a desejar, fui ficando apavorada com o tempo, as pessoas foram entregando as provas e eu precisava de mais tempo.

Na ansiedade, esperei o resultado e embora não fosse o esperado, fiquei animada. Era a segunda da lista de espera e que angústia aquela espera no Ginásio de Esportes da UNICAMP, estava tão descontrolada que sorria, debochava, dava grandes gargalhadas para

não chorar. Lembro-me de algumas pessoas que estavam angustiadas esperando, esperando fazer a matrícula e quando as encontro na Universidade, lembro-me deste fato com alegria, pois sofremos juntas naquele momento e juntas hoje sorrimos porque mais uma etapa está se concluindo em nossas vidas.

Nós Maria, Maria rimos quando deveríamos chorar, não vivemos durante estes seis semestres, apenas agüentamos o descaso, a indiferença de outros alunos em relação ao nosso “subcurso” assim titulado pelos demais. Durante o curso, nos sentimos jogadas de um canto para outro, pois era evidente o dinheiro investido neste curso, o prédio da faculdade de educação aumentou, mas não tínhamos o direito nem de usufruí-lo, nos sentimos excluídas dentro da inclusão, que contradição!

Quantas vezes, deixamos nossos filhos doentes em casa, muitas Maria, Maria, perderam esposos, pois nem todos suportaram as suas crises depressivas devido ao excesso de responsabilidade: planejamento, provas para corrigir, projetos, burocracias, seminários para apresentar na faculdade e outros tantos trabalhos, remédio para comprar, contas para pagar, o dinheiro que acaba no dia do pagamento, aluguel atrasado.... mas como sempre, nós professoras primárias precisamos ter força, raça, gana pois trazemos no corpo a marca Maria, Maria, mistura da dor e alegria..., “mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre, quem trás na pele esta marca, possui a estranha mania de ter fé na vida...”

E graças a Deus que possuímos esta estranha mania, pois sentimos muitas vezes, durante esta caminhada, uma força que não era a nossa, que nos motivava a adquirir cada vez mais conhecimento, pois se o homem não reconhece nosso papel fundamental na formação social, o Grandioso Criador reconhece e, portanto, nos abençoa com esta graça.

ÉRAMOS, POIS ALUNAS DO PRIMEIRO SEMESTRE DO CURSO DE PEDAGOGIA, PROESF

Como o curso de Pedagogia – PROESF, estava sendo fortemente “atacado” de todas as formas, procurei um advogado da APEOESP, para tirar minhas dúvidas em relação a sua valia, pois me incomodava escutar que nenhuma graduação seria aprovada pelo MEC se não tivesse duração de oito semestres. Mas muitos foram os esclarecimentos que me fizeram acreditar neste novo propósito.

Ainda que remando contra a maré, vislumbrávamos com o mérito de sermos alunas da UNICAMP, e para mim, novas perspectivas foram tomando formas. Tivemos o primeiro semestre super puxado, e todos os conhecimentos científicos em relação às disciplinas de Tecnologia e Educação e Multiculturalismo e Diversidade Cultural, foram geniais. Os conhecimentos destas disciplinas em questão vieram ao encontro com tudo que eu havia construído a partir do momento que resolvi olhar para todos os pontos negativos da profissão da minha mãe.

A vida me fez assim... Na verdade, o que aconteceu comigo, o autor Stuart Hall explica ao dizer que a identidade – construção social que o indivíduo faz conforme pessoa – somente se torna questão quando está em crise, quando algo se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. Com este conhecimento teórico, posso justificar o verso “A vida me fez assim”, na verdade a minha identidade foi se formando com a socialização das minhas dúvidas, das minhas angústias do novo, a aí eu tive que me confrontar com uma dupla exigência, ser reconhecida e ter um bom desempenho em meu grupo.

Este conhecimento científico não foi o único que traduziu alguns de meus pensamentos construídos no decorrer da minha vida frente ao “novo”. Identifiquei-me por completo com o texto Comemorar, de Marilena Chauí.

Segundo a autora, as relações sociais e intersubjetivas são realizadas como relação entre um superior que manda e o inferior que obedece, isto se dá porque o povo brasileiro não teve como construir suas próprias prioridades devido à colonização, onde o sujeito não tem direito, pois este sempre foi o escravo. Quando esta desigualdade é muito marcada, ela automaticamente é naturalizada por um conjunto de práticas que ocultam a determinação que imaginariamente estruturam a sociedade sob o signo da nação uma e indivisa, sobreposta como um manto protetor que recobre as divisões reais que a constituem.

Fazemos parte de uma sociedade autoritária e há alguns traços marcantes como:

- por ser estruturada em cima da sociedade colonial, opera o princípio liberal tratando as divisões sociais como: inferioridade natural (mulheres, negros...), desvios de forma étnicas e de gênero, e perversão (homossexualidade...)
- recusa tácita de operar com os direitos civis e a dificuldade em lutar por tais direitos, para tanto estas leis se tornam abstratas e feitas para serem “transgredidas” e não cumpridas e transformadas.
- indistinção entre o público e o privada, mantendo a relação pessoal de favor com o cidadão, ocorrendo a corrupção sobre os fundos políticos.
- formação social que propicia o bloqueio da classe dominante em relação a expressão de interesses e direitos de grupos minoritários.
- devido ao fascínio que nossa sociedade tem pelo prestígio de poder, repetimos o padrão de comportamento que opera desde a colonização que consiste na desclassificação dos homens livres pobres.

As desigualdades sociais de diversas formas, crianças sem infância, exploração do trabalho do idoso..., são consideradas normais bem como a preguiça e a incompetência dos miseráveis atribuídas aos sem teto, dos sem terra e dos milhões de desempregados. A desigualdade social é alarmante, porém não é percebida como forma dissimulada do apartheid social ou como socialmente inaceitável, mas considerada normal e natural.

É claro que a desigualdade não é percebida desta forma por nós professoras que temos toda esta bagagem teórica, e como o conhecimento torna “livre” o homem, sabemos que o caminho a percorrer junto a nossos alunos é longo, portanto não tão fácil para formarmos uma sociedade livre de todos estes pré-conceitos. Falo desta forma porque acredito que a educação, como já mencionei anteriormente, tem a força de mudar o rumo desta nossa história.

Todos estes aspectos citados acima em relação a desigualdade social, estão perpetuando graças à identificação do estado como o Executivo, a desconfiança para com o Legislativo (cujas atribuições e funções não estão claras para ninguém e cuja venalidade escandaliza, levando a difundir-se a idéia de que seria melhor não ter), o medo despertado pelo poder judiciário, autoritarismo social e o imaginário teólogo-político que instigam o desejo permanente de um Estado “forte” para “salvação nacional”, onde a classe dominante percebe a sociedade como inimigo e perigoso, buscando movimentos sociais, sindicais e populares, e principalmente a política neoliberal que sobrevive das crises, e a cada crise ela se fortalece e muda sua fisionomia, mascarando-se e fazendo surgir as ONGs, amigos da escola, bolsas de estudo..., discurso assistencialista que resumidamente tira a responsabilidade do Estado em relação ao fracasso da sociedade, que está desprovida de recursos marcando, ainda mais, a polarização da sociedade entre carência e o privilégio. E por último, a contribuição projetada pela social democracia sob o nome terceira via, que pretende incluir sem danos aparentes o vínculo entre justiça social e igualdade socioeconômico, desobrigando o Estado de lidar com problemas da exclusão e da inclusão de ricos e pobres, pois isto foi julgado como

impossível para a governabilidade. Para tanto, o que comemorar? E mais, o que está por trás das comemorações?

Marilena Chauí afirma que é através destas práticas alicerçadas em ideologias de longa data, como as do nacionalismo militante apoiado no “caráter nacional” ou na “identidade nacional”, que em nossa formação social se desenvolvem ações e imagens com força suficiente para bloquear o trabalho dos conflitos e contradições que negam a imagem da boa sociedade indivisiva, pacífica e ordeira. Em suma, uma sociedade auto-organizada, que expõe conflitos e contradições, é claramente percebida como perigosa para o estado e para o funcionamento “racional” do mercado (pois este só pode operar graças à ocultação da divisão social). Este bloqueio não é um vazio ou uma ausência, isto é, uma ignorância quanto ao funcionamento republicano e democrático, e sim um conjunto positivo de ações determinadas que traduzem uma maneira também determinada de lidar com esta esfera da opinião: “de um lado, os mass média monopolizam a informação - meios de comunicação em massa a favor da alienação exercendo um papel persuasivo como ‘máquinas de ensinar’, e de outro, o discurso do poder define o consenso como unanimidade, de sorte que a discordância é posta como perigoso atraso ou obstinação vazia”.

Comemorar é uma forma de ocultar os reais problemas e, o indivíduo só passará a ter uma posição ativa e crítica na sociedade, a partir da reflexão da realidade. Renato Russo, na música Perfeição cantou: “... Venha, meu coração está com pressa / quando a esperança está dispersa / só a verdade me liberta / chega de maldade e ilusão...”

Não poderia escrever este memorial, sem esboçar este conhecimento científico de Marilena Chauí, pois a contribuição na minha prática pedagógica foi extraordinária.

Na verdade, este primeiro semestre com as disciplinas Educação e Tecnologia, Pensamento Histórico e Educação e Multiculturalismo e Diversidade Cultural, foram essências na minha formação primeiramente individual e conseqüentemente, profissional, sem

desmerecer as outras disciplinas dos semestres seguintes que tiveram a sua importante influência na formação de cada uma das alunas do curso, principalmente em Teoria Pedagógica e Produção em Artes, da qual falarei um pouco mais até por que, este é o meu foco principal neste memorial, Avaliação, Políticas e Reformas Educativas, Planejamento e Gestão Escolar e Currículo e Escola. Devo salientar também, que embora fizesse o curso de Magistério contrariada, houve conhecimentos científicos ali adquiridos que foram complementados com o curso de Pedagogia incluindo a Arte, a Psicologia, a Filosofia, a Matemática, o Português..., portanto não eram conhecimentos novos, de tanto “impacto”.

Outro ponto importante a evidenciar neste primeiro semestre, com as disciplinas já mencionadas, foi a seriedade, a magnitude como foram tratados tais assuntos. Apaixonei-me completamente pelas Assistentes Pedagógicas (Aps): Luciane Vilela, Maria do Rosário (Rosarinho) e principalmente, Solange. Tais Aps tiveram completo domínio sobre o assunto, o que ficou falho em algumas Aps, refletindo na disciplina e, conseqüentemente, no interesse da classe e por fim, na freqüência das alunas.

Refletindo um ponto neste aspecto, verifico a importância do professor estar inteiramente envolvido no ensino e ter completo domínio sobre a matéria a ser aplicada, pois se não houve interesse conosco em algumas disciplinas do curso mediante tal problema, o que dirá da criança no ensino fundamental!

Sobre este assunto, Shcön (1983), estudando a natureza do saber profissional, comenta a posição positivista que admite-o como um conhecimento posto em prática, sistematicamente para resolver os problemas cotidianos, como supõe a crença na racionalidade técnica. De acordo com esta racionalidade, em que se apóia o positivismo, é suficiente estabelecer uma seleção criteriosa dos meios técnicos apropriados aos fins desejados e assim chegar à solução de problemas. O profissional, segundo esta vertente, torna-se o homem solucionador, não o que determina o problema, mas o que domina os meios para resolvê-los. Portanto, este

conhecimento teórico adquirido em nossa formação profissional, esta “razão” deve ser o apoio em nossa prática pedagógica para se evitar um saber conflituoso, desinteressante e resumido ao fracasso.

Ainda sobre as três disciplinas citadas, menciono a relação entre as três: Educação e Tecnologia, Pensamento Histórico e Educação e Multiculturalismo e Diversidade Cultural. Estas se encaixaram como um quebra-cabeça, entrelaçando os conhecimentos e tornando sua aquisição inevitável.

Ressalto ainda mais a importância destas três disciplinas, das demais dos semestres seguintes e deste memorial, pois muitos conceitos foram amadurecer nestas relações. Os Projetos, que foram amplamente evidenciados na disciplina de Temas Transversais, sua real importância amadurece em mim agora, ao refletir sobre articulação entre estas três disciplinas. De acordo com Hernández (1998, p. 72), citando Bruner, os projetos podem ser uma peça central do que seria a filosofia construtiva na sala de aula.

Interessante foi o portfólio - trabalho final exigido pela Ap responsável pela disciplina de Temas Transversais. Neste portfólio usei minha Arte, pela primeira vez no curso todo e fui muito bem sucedida. Fui bem sucedida porque a arte é a única que pode me tirar do silêncio. Tenho muita facilidade em me expressar através do desenho, o que não acontece com a minha expressão escrita e principalmente, verbal. Acredito também, que se tivesse um contato maior com a arte, os bloqueios que sinto surgir em determinados momentos mediante a minha expressão verbal, desapareceriam gradativamente.

Neste meu portfólio, que está no anexo, resolvi percorrer o caminho mais fácil para representar todas as aulas, os seminários apresentados pelas alunas da sala, incluindo seminário do meu grupo, o conhecimento em rede que foi se formando a partir do primeiro seminário, aula nove, fechando enfim com o projeto e o conhecimento em rede construído a partir dele.

MAIS CONTRIBUIÇÕES... MAIS REFLEXÕES...

No ano de 2003, consegui, através da remoção de classes na Prefeitura da qual sou concursada, ter o privilégio de assumir uma quarta-série que talvez por ser a primeira, foi inesquecível.

Era a minha terceira sala de aula como professora e, portanto, minha contribuição no curso não foi tão fabulosa como as das demais alunas do curso. Sempre em silêncio, observava e guardada tudo o que fosse possível para usar em minha sala de aula.

To vendo tudo, to vendo tudo!

Mas fico calado, faz de conta que sou

Mudo.

Um ponto relevante a ser citado, refere-se às músicas que em sua grande maioria eram “inéditas” a mim mas, que também tiveram um grande peso em minha formação. Caçador de mim, Roda Viva, Apesar de você e Construção, ambas de Chico Buarque, Pra não dizer que não falei das flores de Geraldo Vandré, O meu país, - trecho dos versos citados a cima - letra de Alves Livardo, Tejo Orlando e Chaves Gilvan, dentre outras.

Fizeram tanta diferença que passei a usar os diferentes tipos de músicas como um excelente recurso nas aulas de Educação Artística, pois a Prefeitura Municipal de Hortolândia, tem vários projetos na Educação e um deles é o Projeto Cidadania, que consiste no resgate de valores e na “devoção pela pátria”. Na escola que leciono, este Projeto fica restrito aos primeiros minutos das sextas-feiras, os alunos organizados em suas respectivas filas cantam o Hino Nacional e o Hino de Hortolândia, logo após, duas salas de aulas ficam encarregadas de fazer uma apresentação aos demais. Geralmente as músicas apresentadas falam do amor de Deus, do amor entre as pessoas e “pra contrariar” e ir um pouco mais além, aproveitei que estava falando sobre a época da ditadura na disciplina de História, fiz uma pesquisa sobre

Geraldo Vandré e outros artistas consagrados que foram exilados devido a repressão política e ensaiei meus alunos a apresentarem a canção maravilhosa de Geraldo Vandré – Pra não dizer que não falei das flores.

Quando fiz a pesquisa fiquei perplexa em saber da mudança de comportamento de Geraldo Vandré perante a repressão. Fiz questão de fazer um resumo sobre sua vida, incluindo a letra da música Fabiana, que Geraldo escreveu em homenagem às Forças Armadas e passar aos meus alunos da quarta série do ano de 2003. Interessante é que eles tiveram a mesma reação que a minha, perplexidade.

Dividi a sala em grupos e cada um deles ficou responsável por estar representando através de recortes de revistas cada estrofe da música para a apresentação. Durante a apresentação, enquanto os demais cantavam, alguns alunos passavam os cartazes que haviam confeccionado durante as aulas. Fiquei tão emocionada, pois em primeiro lugar, meus alunos haviam entendido o contexto histórico em questão, reagiram com perplexidade como eu perante a mudança de Geraldo Vandré e, principalmente, entenderam a letra da música e gostaram.

Caminhando e cantando e seguindo a canção

Somos todos iguais, braços dados ou não

Nas escolas, nas ruas, campos construções

Caminhando e cantando e seguindo a canção

Vem, vamos embora que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora não espera acontecer

Pelos campos a fome em grandes plantações

Pelas ruas marchando indecisos cordões

Ainda fazem da flor seu mais forte refrão

E acreditam nas flores vencendo canhão

Enfatizei durante todo o ano a questão de todos os homens serem livres e iguais. No artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos reza: Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Aproveitando a letra da música, tornei-os conhecedores da manipulação que há através dos meios de comunicação em massa.

*Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão*

*Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição*

Toda aula, um aluno ficava encarregado de trazer um trecho bíblico, e com todo o cuidado os questioneei; se Deus escreveu não matarás, seria você capaz de matar seu irmão por uma causa que não é sua, mesma pela pátria? Tive todo o cuidado em não dar respostas nas discussões, apenas ouvi o que eles haviam concluído, acredito que assim como muitas idéias amadureceram em mim, agora, depois de vários semestres em estudo, o mesmo acontecerá a cada um deles, afinal a semente foi lançada.

As sementes foram lançadas desde o início do ano letivo, pois, na semana que antecedia o carnaval, aproveitei a euforia em que estavam envolvidos os alunos perante a data que antecedia e nesta semana trabalhei em português, matemática, história, geografia e ciências o tema: carnaval.

Pesquisei muito para estar preparando as aulas, até porque muita coisa a mim era desconhecida.

Em relação à grade curricular das quartas séries, apenas duas aulas na semana eram específicas para a disciplina de ciências, mas pela euforia da sala, esta passou de duas para cinco aulas, e realmente foi a melhor.

Como meu caderno de planejamento ficou na escola, neste exato momento, não tenho acesso a este caderno e não me lembro dos textos que foram retirados da internet e de livros didáticos na íntegra, mas me lembro das maravilhosas discussões que a partir deles foram levantadas.

Na pauta foram abordados os temas: drogas e doenças sexualmente transmissíveis devido à ligação errônea que se faz entre carnaval e sexo.

No tema “DROGA”, passei algumas informações sobre as drogas mais usadas neste período, e mostrei o lado negativo e destrutivo que um adolescente pode carregar para o resto de sua vida ao fazer o uso delas.

Conversamos muito sobre o efeito do álcool e do volante, muitos alunos se sentiram à vontade e expuseram para os demais colegas o que já haviam presenciado e mesmo escutado através dos meios de comunicação em massa e de seus familiares sobre o assunto.

A aula já havia “rendido” bastante, mas quando o assunto doenças sexualmente transmissíveis foi abordado, a sala “pegou fogo”. Foi um misto de vergonha com a ansiedade natural da idade, muito interessante.

Usei uma linguagem clara, usando os nomes específicos dos órgãos reprodutores, tomando muito cuidado com as palavras, pois ali naquela sala haviam alunos de todas as culturas e religiões e, qualquer “escorregão” poderia ser usado contra o meu profissionalismo.

Quando começamos a falar sobre a camisinha, nossa..., a sala foi ao delírio, eu acho que eu nunca respondi tantas questões quanto foram respondidas neste dia, e o mais

importante foi a seriedade, a curiosidade e a relação de respeito que se firmou sobre os preconceitos estabelecidos pela nossa sociedade no decorrer dos anos.

A sala estava agitada, é claro, pois ansiavam receber as respostas. Não só os meninos, mas as meninas me faziam perguntas do tipo: “A camisinha pode estourar? Você já usou camisinha feminina? Como é a camisinha feminina?”.

Eu creio que a sala só não se agitou mais devido a minha tranquilidade e o meu preparo em relação ao assunto e, mesmo assim, quando deu o sinal para o recreio, ao regressarem para a sala de aula e toda a permanência durante este fim de aula, a sala estava numa agitação de dar “medo”.

Foi tudo muito interessante, fechamos o assunto falando um pouco sobre as leis de Deus em relação ao sexo ilícito e a traição, refletimos um pouco sobre as entrelinhas destas leis, levantei questionamentos como: Será que Deus ao abominar o sexo ilícito e a traição, não queria nos proteger contra tais maldições (doenças, seqüelas psicológicas, gravidez indesejada...)?

A sala refletiu bastante, mesmo mediante a agitação causada pelos assuntos abordados e então veio o carnaval.

O que eu notei neste ano, é que quando se trata de assuntos relacionados ao sexo e a busca incessante da beleza universal, a sala toda participa, não há indisciplina e sim construção de conhecimento.

A sala participa e os conhecimentos construídos, acredito e tenho certeza que permaneçam no adolescente e no momento certo, auxiliarão nas tomadas de decisões.

O autor Jorge Larrosa, em *O Enigma da Infância*, O que vai do impossível ao verdadeiro, discute o que por um lado conhecemos das crianças, e que por outro não conhecemos; um “outro desconhecido”, que o saber e o poder não podem explicar.

Este outro desconhecido é o “novo” que creio que aflore no início da adolescência e que traz tantas inquietações para o futuro de uma sociedade que já tem estabelecido seus padrões de moral.

Bom, o texto deixa claro, que no decorrer da nossa história várias formas de controle foram criadas para que este “novo” não interferisse de maneira radical em nossa história e que um dos instrumentos usados, foi e é a educação.

E agora, depois deste meu relato, percebo que se o professor estiver realmente interessado em seu aluno, no seu bem-estar e, se preparar para as aulas, o controle deixa de vigorar.

Se a aula foi interessante, mesmo que naquele momento o aluno ainda não se sinta tão atraído, acredito que as reflexões e discussões surtam efeitos positivos e auxiliem no futuro, assim como muitas teorias e práticas não tenham surtido efeito imediato para mim em determinadas disciplinas do curso de Pedagogia. Portanto, para mim isto não é uma forma de controle, e sim uma demonstração genuína de amor pela profissão, não só pela profissão, mas pelo conjunto, pela sociedade da qual fazemos parte. Como diz Rubem Alves, tem que haver prazer no labor para que a produção alcance seu estado ideal para todos.

Relatei esta minha experiência na disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade, com a Ap Priscila Neuburger depois de aproximadamente um ano, e para minha maior satisfação notei que o caminho que eu havia percorrido era o certo.

No meu caso, contradizendo com Dulce Maria Pompêo de Camargo, em Conhecimento Escolar: O mito da Fronteira entre a Ciência e a Cultura, o meu conhecimento foi ampliado em progressão geométrica e socializado com meus alunos. Resultados?

Dentro do que eu aprendi durante minha formação e pude colocar em prática durante este ano de 2003, contei com alunos serenos, cujo laço de amizade perdura até o presente momento. Recebo visitas em minha sala de alunos desta quarta-série, hoje todos estão na

sexta-série do ensino fundamental e é com muita alegria que os recebo. Mas então por que há tanta indisciplina nas escolas?

“A indisciplina é a filha dileta do autoritarismo e da permissividade. A disciplina a que me refiro é a liberdade que, conscientemente exercida, conduz à ordem; não é a ordem imposta que nega a liberdade. Como poderemos pensar em controlar as águas revoltadas de um rio, se nos esquecemos das margens que as comprimem?”

Rubem Alves (2002)

De acordo com Morin (1994) e minhas concepções enquanto aluna de Pedagogia e professora, o primeiro passo implica na compreensão das causas da indisciplina e as razões que levam os alunos a terem esse tipo de comportamento. É pensar que tal problemática não decorre apenas dos alunos e da sua família, mas também na relação professor-aluno e nas aulas desinteressantes. É considerar os fatores externos e internos à escola, a personalidade do aluno, a baixa auto-estima, o autoritarismo do professor, os valores anti -sociais que permeiam toda a sala de aula.

A escola, enquanto uma instituição criada pela sociedade, estipula um “aluno ideal”, aquele que se enquadra dentro de seus padrões, buscando homogeneizar alunos oriundos de culturas e saberes diferenciados. Muitas vezes a escola representa para esses alunos uma “chatice”, onde eles se vêem obrigados a assimilar conteúdos isolados e pouco interessantes, sendo que tais conteúdos não vão ajudá-los em seu cotidiano. Dessa maneira, os alunos considerados indisciplinados estão sempre em evidência, destacam-se como os “perturbadores” da ordem. Muitos deles reconhecem-se como o diferente e o fracassado perante os alunos “ideais”. É como se em seus pensamentos reproduzissem a canção do cantor Gabriel o Pensador:

“Estou aqui pra quê?

Será que é pra aprender?

Ou será que é pra aceitar

A indisciplina não deve ser desvinculada do projeto pedagógico da escola, o aprender não deve ser reconhecido como uma prática onde alguém ensina e alguém aprende, pois ambos estão interligados na busca de uma transformação na proposta pedagógica da escola.

Creio é preciso significar o espaço escolar, propondo atividades que, de fato, favoreçam a integração da criança à escola. É necessária uma mudança de postura em relação ao que chamamos de “educar”, pois de nada adiantaria ensinar e ensinar se nossos alunos ainda não aprenderam uma das coisas que considero fundamental na vida de cada pessoa: o respeito pelo outro, pelo diferente, a convivência em grupo de maneira harmônica.

Enfrentar “as indisciplinas” da vida, portanto, exige dos profissionais de educação uma nova postura, democrática e dialógica, que entenda os alunos não mais como sujeitos subservientes ou como adversários que devem ser vencidos e dominados. O caminho é reconhecer os alunos como possíveis parceiros de uma caminhada política e humana que almeja a construção de uma sociedade mais justa, solidária. E foi o que tentei fazer..., mas, junto com todos estes objetivos alcançados neste ano, quais foram os resultados em minha saúde?

No fim deste mesmo ano, tive que tomar fluoxetina e tratar da minha anemia.

Segundo a revista ISTO É (07 de agosto de 2002) os professores ocupam "o quarto lugar no ranking da International Stresse Management Association – Brazil, atrás apenas de policiais e seguranças, profissionais de atendimento ao consumidor e operadores de voo."

Na matéria sobre "professores estressados" os relatos dos profissionais de educação foram bem claros e direcionados: a falta de segurança nas escolas públicas, o baixo salário, a excessiva carga horária, as exigências, as cobranças, as posturas "indisciplinadas" da nova geração, a involuntária renúncia ao autoritarismo em sala de aula, a transição de um método conservador para crítico, a falta de recursos, a intransigência nas escolas particulares, a sobrecarga de trabalho, o alto índice de violência, estupro, ameaças, drogas nas escolas, são

fatores comuns, citados pelos professores de nível médio e fundamental de escolas públicas e privadas no País.

Novamente volto a falar um pouco sobre as nossas precárias situações de ensino, a distância entre a pesquisa e a escola, e a saúde do educador. Costumo dizer que na época da minha mãe, as professoras morriam de câncer de mama, hoje, porém morrem-se de aneurisma, tumores no cérebro, a maioria por volta de setembro começam a tomar flouxetina, e em dezembro, começam a fazer o controle da anemia.

Agora, por que escrever tudo isso? Para que ler tudo isso sendo que não é um assunto inédito?

Lembrem-se que muitas mães, por amor, obrigaram suas filhas a fazerem o curso de magistério pois achavam segurança nesta profissão, mas, que segurança? De que segurança estamos falando? Do direito a maternidade e a amamentação ou da remuneração?

Tanto se fala do estado de Burnout, termo norte americano tão antigo, conhecido como estresse profissional em suas últimas conseqüências e amplamente disseminado pelo ritmo de vida e trabalho acelerado dos últimos tempos.

Antes de falarmos de Burnout, devemos entender que o estresse é uma das reações do corpo a situações extremas, que em determinados momentos é necessário e nos ajuda a superar problemas do dia-a-dia nos fornecendo mais adrenalina, atenção e desempenho superior à média. O problema começa quando o estresse, que somente é benéfico em curtos períodos de tempo, se prolonga e o que deveria ser a exceção se torna regra.

O Burnout se manifesta, sobretudo quando os profissionais ficam aprisionados em “armadilhas” de comportamento repetitivos e destrutivos nos quais não conseguem fazer frente às demandas profissionais e pessoais.

E que armadilhas! Que tal refletirmos um pouco sobre isto? Será que isto também é interessante? Como eu já mencionei, neste ano de 2003 eu realmente cresci muito

profissionalmente, foi um ano em que me dediquei inteiramente aos meus alunos, tentei na medida do possível, usar a “razão” para nortear a minha prática. Trabalhava nove horas por dia, meu horário de almoço era tão corrido que não tinha tempo de me alimentar, apenas de me locomover de uma escola para outra. De manhã tinha a minha quarta-série e à tarde eu era professora multiplicadora do Projeto Alimentação Escolar – Projeto da Prefeitura Municipal. Ao chegar em casa, por volta das 17:30, tomava um banho correndo, pois dali quinze minutos a lotação para a faculdade estava na porta da minha casa. Será que sobrava um tempinho para minha alimentação?

Relatando sobre a minha prática neste ano, deixei claro que pesquisei muito, mas que horas? Chegava da faculdade e ia direto para o computador, ali ficava até as duas horas, dormia quatro horas por noite, e depois deste curto período de sono, estava “pronta” para a rotina.

Procurei ajuda psiquiátrica, pois já não me lembrava de nada, e meu estado de humor estava me sufocando. Em certos momentos sentia vontade de explodir, literalmente. Na sala de aula, não estava mais controlando o sono e minha saúde começou a variar. Mas como estamos aprisionados em armadilhas impostas pelo sistema, adiava várias vezes as faltas necessárias. Se o professor abona, ele perde na sua pontuação da mesma forma quando é preciso passar por um médico e apresenta-se o atestado. Na sua ausência do professor da sala, os alunos são divididos em outras salas causando um enorme transtorno para os alunos e para o professor que já conta como um grande número de alunos matriculados em sua sala, e ainda é obrigado a receber por volta de dez alunos a mais. Tudo isso, por que não há professores substitutos. Este problema é ainda mais grave, pois perdura há dois anos. O número de professores afastados por problemas de saúde é alarmante e o diretor da escola, faz questão de mostrar com um tom de voz agressivo, a relação das faltas dos professores no mês. Será que o que eu estou falando é novo para alguém?

O professor tem que ser pesquisador e saber articular os meios para o devido fim, deve estar preparado para uma infinidade de coisas, pois se assim fizer, ele realmente alcançará seus objetivos... Conclui-se então que todo professor deva se tornar um mártir! Infelizmente, nas entrelinhas do curso de Pedagogia, isto também ficou claro e é uma idéia que amadureceu frente a minha reflexão do curso, da minha prática docente, e principalmente como da minha pessoa.

E meu filho, o que ele fez para ter uma mãe tão severa? Nossos familiares devem ficar em segundo plano? Dentro deste nosso sistema, será possível para uma mãe, conciliar o trabalho exaustivo da escola e a família? Já mencionei no início deste memorial, que muitas alunas do curso de Pedagogia perderam seus maridos, a maioria adoeceu, algumas desistiram..., isto é profundamente angustiamente. Então cabe ao professor, mediante a tal situação imposta propositalmente pelo sistema da qual fazemos parte, optar por se tornar um mártir e deixar de lado sua família e sua saúde, ou continuar com o ofício de forma que não acarrete em perdas ao seu bem-estar, com esta segunda opção? É claro que o ensino se resume ao fracasso em que se encontra. De quem é a culpa?

O meu país

To vendo tudo, To vendo tudo!

Mas fico calado, faz de conta que sou mudo

Um país que criança é Zé menina

Que não ouve o clamor dos esquecidos

Onde nunca os humildes são ouvidos

E uma elite sem Deus é que domina

Que permite um estopo a cada esquina

E a certeza da dúvida infeliz

Onde quem tem razão baixa servis

E massacram – se negros e a mulher

*Pode ser o país de quem quiser
Mas não é com certeza o meu país!
Um país onde as leis são descartáveis
Por causa de códigos corretos
Com quarenta milhões de analfabetos
E maior multidão de miseráveis
Um país onde os homens confiáveis
Não tem voz vez e bis!
E o respaldo de estímulos incomum
Pode ser o país de qualquer um
Mas não é com certeza o meu país!
Um país que perdeu a identidade
Sepultou o idioma português
Aprendeu a falar pornofonês
Aderindo a global vulgaridade
Um país que não tem capacidade
De saber o que pensa e o que diz
Que não pode esconder a cicatriz
De um povo de bem que vive ma
Pode ser o país do carnaval
Mas não é com certeza o meu país!
Um país que seus índios discrimina
A ciência e a arte não respeita
Um país que ainda morre de maleita
Por atraso geral da medicina
Um país onde escola não ensina
Hospital não dispõe de Raio x
Onde a gente dos morros é feliz*

*Se tem água e chuva e luz do sol
Pode ser o país do futebol
Mas não é com certeza o meu país!
To vendo tudo, to vendo tudo!
Mas fico calado, faz de conta que sou mudo.
Um país que doente não se cura
Quer ficar sempre no terceiro mundo
Que o poço fatal chegou ao fundo
Sem saber emergida noite escura
Um país que perdeu a compostura
Atendo a políticos sutis
Que dividem o Brasil em mil Brasis
Pra melhor assaltar de ponta a ponta
Pode ser o país do faz de conta
Mas não é com certeza o meu país!
To vendo tudo, to vendo tudo!
Mas fico calado, faz de conta que sou mudo.*

O que eu quero deixar claro, que nunca houve a valorização do profissional da educação e que este círculo se repete há anos e nada muda. Comecei este memorial falando sobre a mesma coisa, falando um pouco sobre o que aconteceu com a minha mãe, e com as professoras da sua época, agora falei o que aconteceu comigo e acontece com as professoras de hoje. Será que ninguém percebe o quão grave é a desvalorização do profissional e será que a educação deve se resumir a: faça você professor alguma coisa e rápido?

Outras ferramentas de excelente contribuição para nossa formação foram os filmes, em particular a trilogia do filme Matrix, que assistimos no segundo semestre do curso, na disciplina de Pensamento Filosófico e Educação. Resumindo, o personagem principal Neo, nesta trilogia, acreditou em seu potencial mesmo que mediante a muitas dúvidas, se tornando

o escolhido a libertar da escravidão através do conhecimento todos os homens dispostos em Matrix. Sua principal função, além de libertar tais homens da opressão, era de proteger e evitar que Zion fosse destruída pelo sistema de Matrix, afinal, o lugar Zion, onde se encontravam todos os homens livres, representava uma ameaça à ordem em Matrix. E toda possível ameaça é sempre contida com muitas repressões, mesmo que vidas sejam ceifadas. Neo conseguiu? Conseguiu, mas perdeu muitas pessoas que amava e por fim, também teve seu fim trágico.

Os professores, através do conhecimento que liberta, conseguem mudar o curso de nossa história tornando crítica e participativa a nossa sociedade? Sim, conseguem, mas... Tudo neste mundo tem seu preço. Cabe indagar até que ponto vale a pena tais atos heróicos sendo que pertencemos a um sistema onde a ditadura é oculta e várias são as “armadilhas” espalhadas neste contexto com o fim de se conter possíveis manifestações revolucionárias.

UM POUCO DA MINHA UTOPIA – ARTE

"Todas as pessoas têm disposição para trabalhar criativamente, o que acontece é que a maioria jamais se dá conta disso".(Truman Capote)

Como já mencionei anteriormente, acredito que a arte tenha um papel fundamental no desenvolvimento global do ser humano e talvez se ela tivesse seu foco como as outras áreas, nossas escolas seriam mais vivas e, conseqüentemente, teríamos uma outra sociedade.

Devemos saber que a educação artística não deve ser considerada como um luxo, algo complementar ou meramente um acessório em relação ao ensino de outras disciplinas do currículo escolar, como, línguas, ciências ou matemática, pois o desenvolvimento da criatividade e do senso estético é, e será cada vez mais, um requisito importante para se ingressar, permanecer e ter sucesso no novo mundo do trabalho.

A arte, ainda nos tempos das cavernas, permitiu ao homem compreender e atribuir sentido ao mundo e à sua atividade sobre ele. Foi através da arte que, pela primeira vez, o homem entendeu e representou o mundo em torno de si. Nós carregamos conosco essa capacidade de aprender a configuração do nosso mundo interior ou exterior e objetivá-la em algo dotado de sentido, sem ter, para isso, de recorrer à religião, à filosofia e à ciência. É nisto que consiste a experiência estética.

O senso estético é uma maneira permanentemente válida de apreender o mundo e atuar sobre ele, através de uma atividade dotada de sentido. Isto é especialmente válido quando consideramos como objetivos da educação a realização das potencialidades do ser humano e a sua preparação para a cidadania e o trabalho.

Infelizmente a educação artística é vista como uma espécie de perda de tempo, algo inteiramente acessório, mais próximo do lazer que do trabalho, “um luxo”.

Fazer Arte é uma das mais ricas formas de expressão de nossos sentimentos. Auxilia, por exemplo, na facilidade (ou não) de expressão escrita, uma vez que esta requer muita imaginação. Falando-se em imaginação, fala-se também na capacidade de lidar com situações difíceis, de improvisar e muito mais.

Os alunos que montam uma peça de teatro, por exemplo, aprendem:

- a atuar como uma equipe;
- a dirigirem e serem dirigidos;
- a expressar-se com a fala, o corpo e olhar;
- a programar-se dentro de um orçamento limitado;
- a buscar soluções criativas, inventando, adaptando e improvisando;
- a ter disciplina de postura, de tempo e de lugar;
- a empenhar-se na busca da qualidade;
- a gostar e a valorizar o sucesso;
- a praticar a melhoria contínua e o respeito pela audiência;
- a repetir uma ação inúmeras vezes, aproximando-se gradativamente do que deve ser.

Um desafio para a cabal demonstração da convergência e da complementaridade do mundo da arte e do trabalho, no âmbito da educação artística e no contexto da revolução pós-industrial, é a compreensão de como as habilidades desenvolvidas em um se aplicam ao outro.

À medida em que esse trabalho se desenvolve, vai ficando cada vez mais claro que o conhecimento e a prática de habilidades artísticas pode desenvolver nos jovens competências fundamentais para o sucesso no mundo do trabalho e na vida, de um modo geral, no século XXI.

Três grandes eixos já foram identificados, como pontes seguras para o trânsito de benefícios da educação artística para o trabalho:

1º Eixo: habilidades desenvolvidas na educação artística podem ser transferidas para o

trabalho e para a vida em geral;

2º Eixo: o conhecimento das artes potencializa a comunicação eficaz;

3º Eixo: a experiência estética propicia uma abordagem criativa à solução de problemas.

Essa nova maneira de ver a educação artística traz para os educadores, que atuam nessa área, novos e crescentes desafios:

- Desenvolver novas capacidades para o trabalho em equipe;
- Familiarizar-se com as novas tecnologias;
- Abrir-se a outras culturas e a perspectivas distintas diante do trabalho e da vida;
- Buscar formas novas de aprender e ensinar o trabalho criativo;
- Divulgar a idéia de que, mais do que uma educação para a arte, a educação artística é uma educação para a vida, no sentido mais pleno do termo.

Conclui-se que as habilidades desenvolvidas pela educação artística, que eram periféricas e minoritárias no sistema produtivo, passam a ocupar uma posição central no perfil do trabalhador requerido pelas transformações.

O mercado de trabalho, hoje, exige cidadãos criativos e versáteis - muitos deles podem ser incentivados e estimulados em sua capacidade de criação, nas Salas de Educação Artística. Portanto, a Escola deve sensibilizar pais e alunos na compreensão da importância da Educação Artística, para que esta deixe de ser apenas uma aula de 'desenho livre' e atinja objetivos mais nobres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a desvalorização do profissional tratado neste memorial, ao esboçar sobre a importância da ARTE na Educação, a coloco como minha utopia, pois reconheço que a manipulação existente no nosso sistema político vigente, não necessita de indivíduos criativos, com excelente expressão verbal, despidos do individualismo, pois tais indivíduos se resumiriam numa ameaça à “ordem” nacional. E tantas são as formas de manipulação dentro da Educação, que os professores se vêem muitas vezes de mãos e pés atados, sufocados e deprimidos por saberem que os caminhos que estão percorrendo, estão cheios de “armadilhas”.

Ao me sentir sufocada, me reporto à música interpretada por Milton Nascimento, descrita na íntegra, na epígrafe deste memorial; *Caçador de mim:...Vou me encontrar / Longe do meu lugar/ Eu caçador de mim*. Com estes versos, me conforto ao pensar que há esperança, mesmo que informalmente, de estar trabalhando a ARTE em meu benefício e em benefício de todas as pessoas que também se sintam atraídas por ela.

Se a ARTE continuasse presente em minha vida, teria mais facilidade em me comunicar, seria menos confusa ao usar as palavras. Meu filho, que também tem uma grande familiaridade com a ARTE, teria prazer em ir estudar, assim como todas as crianças que se apaixonam pela ARTE e não vêem as “cores vivas” na escola e por ela se desinteressam, até porque num ambiente onde os conteúdos são hierarquizados, as cores dificilmente estarão lá.

Os altos e baixos na educação, fortemente presente neste memorial, ora enfatizando nossas esperanças frente a uma educação libertadora e democrática, ora nos deparando com a desvalorização, são elos que nos tornam “Marias Marias”, mulheres que não vivem, apenas agüentam e que ainda por cima, possuem “a estranha mania de ter fé na vida...”

REFERÊNCIAS

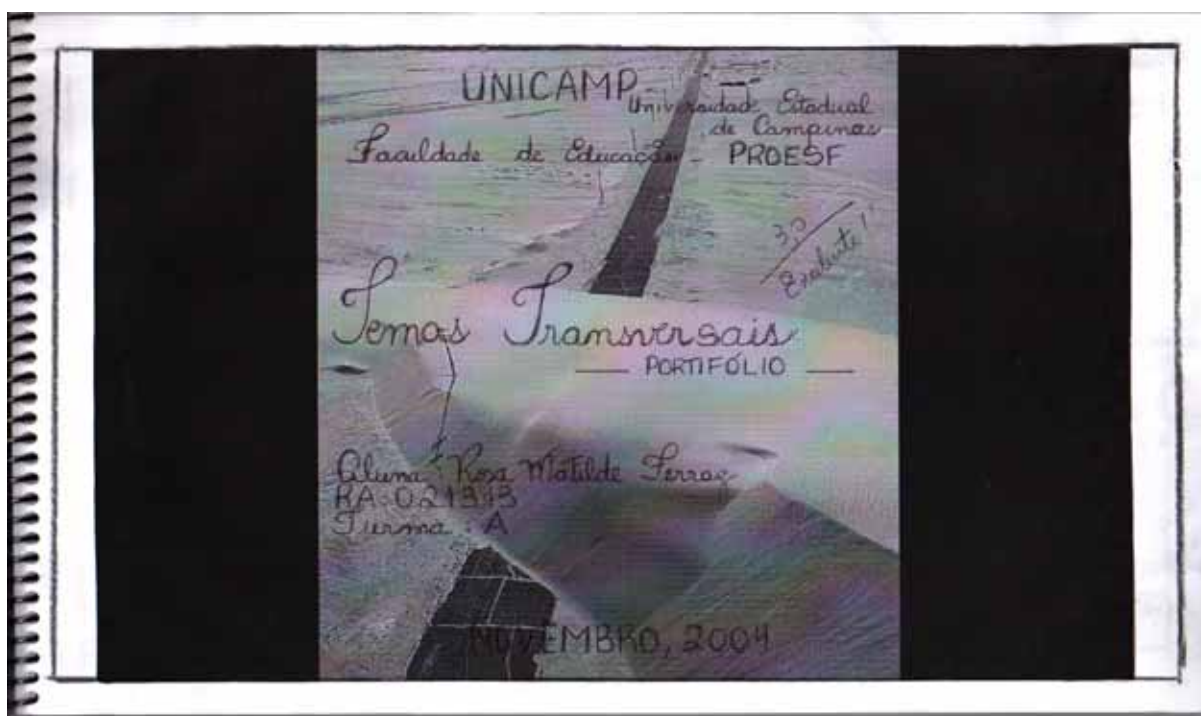
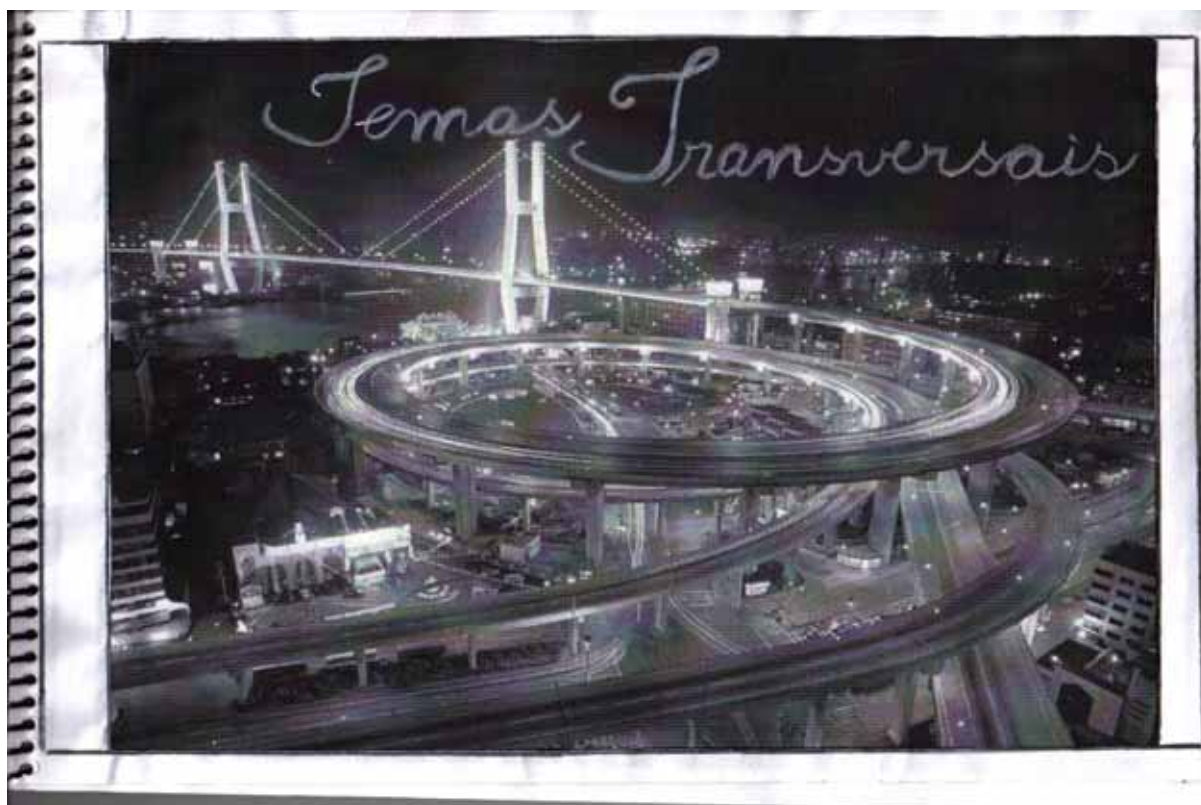
- ALBANO, Ana Angélica. Caderno de formação. Prefeitura de Santo André: Artes visuais 1997-2000.
- ALVES, Rubens. A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 4ª ed. Papirus, 2002.
- AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1996.
- ARAUJO, Ulisses Ferreira de. Temas Transversais e a Estratégia de Projetos. São Paulo: Moderna, 2003.
- CAMARGO, Dulce Maria Pompêo: Conhecimento Escolar: O mito da fronteira entre a ciência e a cultura. Campinas: Editora Papirus, 2000.
- CHAUÍ, Marilena: Comemorar? Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- FERRAZ, Maria Heloísa e FUSARI Maria F. de Resendi. Metodologia do Ensino de Arte. Cortez, 1993
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 18ª ed. São Paulo P: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (1970).
- FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água. (1993).
- FREITAS, L. C. Crítica da Organização do Trabalho pedagógico e da Didática. Campinas: Papirus. 2001. 4ª edição. p. 224 a 278
- GENTILI, Pablo e SILVA, Tomás Tadeu (org). Neoliberalismo, qualidade total e educação. Petrópolis: Vozes, 2ª ed., 1995.
- GIROUX, Henry. A disneyização da cultura popular. In: Silva, Tomaz Tadeu da; Moreira, Antônio Flávio (org.) Territórios contestados. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- LUDKE, Menga e MEDIANO Zélia: Avaliação na escola de 1º Grau- uma análise sociológica. Campinas SP: Papirus, 1992.
- RIOS, Terezinha Azevedo: Ética e Competência. São Paulo: 12. ed., Cortez, 2003.
- SINGER, Paul. O Capitalismo, Sua Evolução sua Lógica e sua Dinâmica. Ed. Moderna. 14ª edição, 1991. São Paulo.

SCHAFFEL, Sarita Lea: A Identidade Profissional em Questão. Reinventar a Escola. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2000.

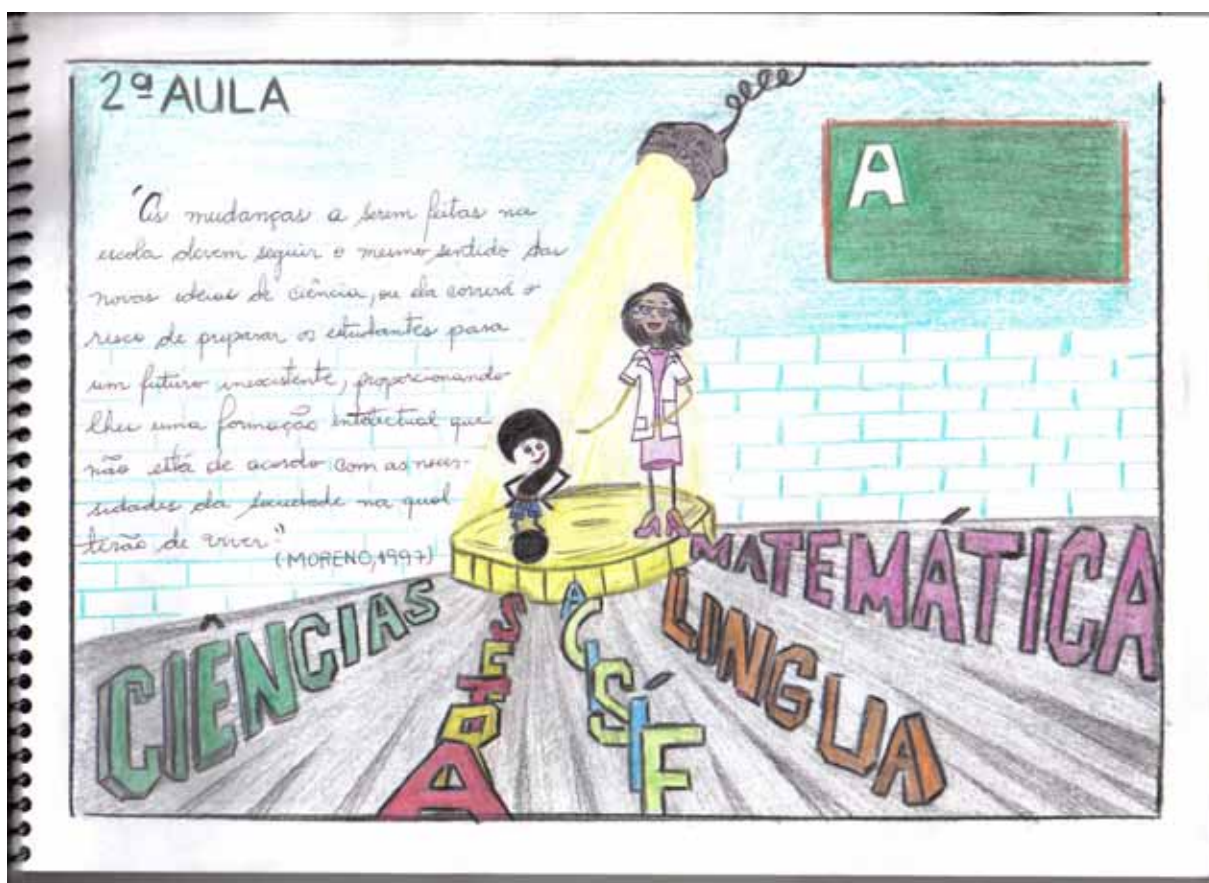
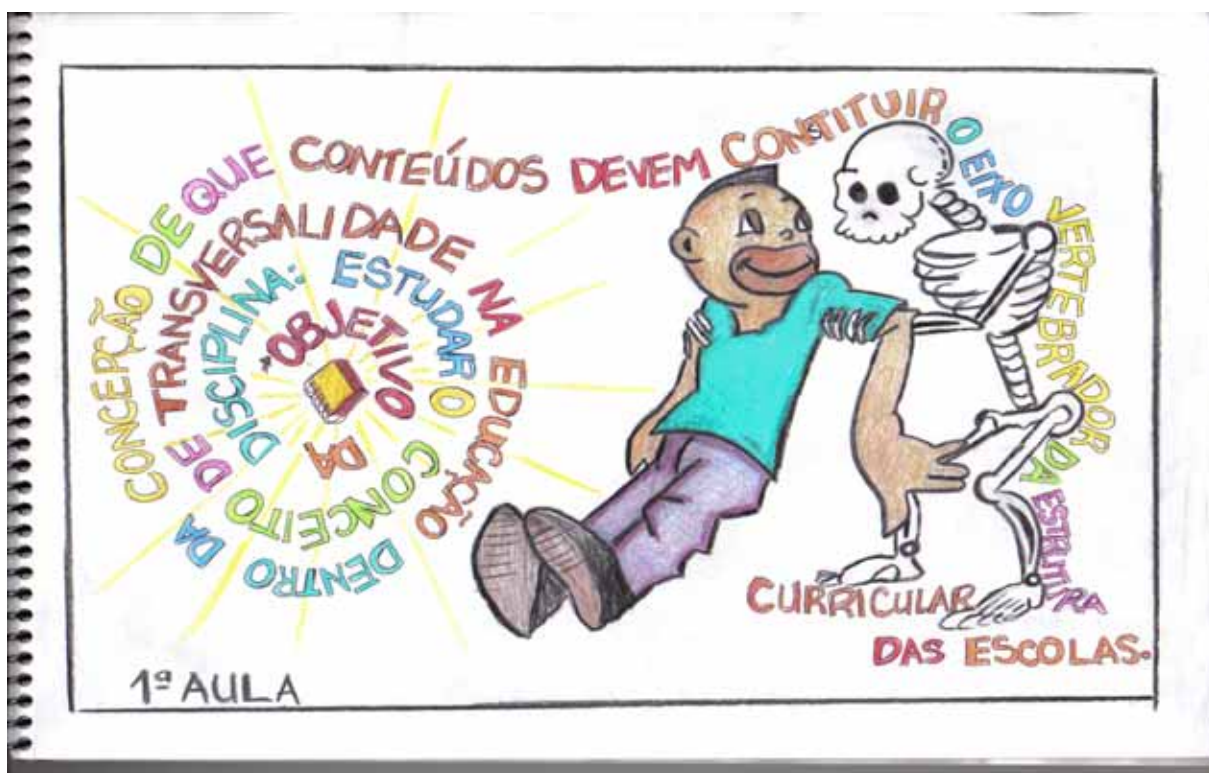
TRINDADE, Azoilda Loretto da e SANTOS, Rafael dos (orgs.) Multiculturalismo - mil e uma faces da Escola. 2.ed. rio de Janeiro: DP e A, 2000.

ANEXOS

Portifólio apresentado na disciplina de Temas Transversais, sendo um dos pré-requisitos de avaliação.



Da primeira até a oitava aula, tentei desenhar os focos principais das aulas, representando-os através de desenhos e montagens.

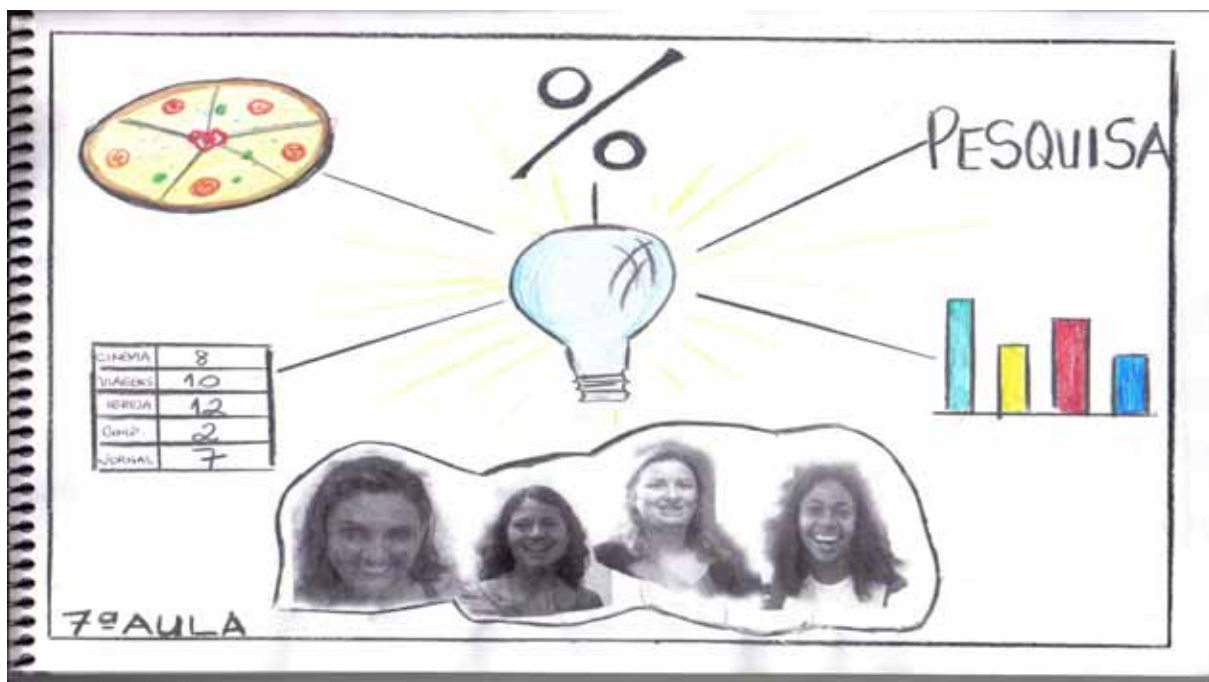




Na segunda ilustração à direita, o tema central da aula era sobre a função social da escola, illustrei a EMEI Parque Orestes Ongaro, onde pela primeira vez recebi um encorajamento mediante ao novo, alguém me disse “vai, vá, vamos...”, alguém que não eu, confiou na minha capacidade.



Na sétima aula, cada grupo ficou responsável de estar pensando sobre sua apresentação para o seminário. Num passe de mágicas, resolvi fazer uma montagem com as fotos das integrantes do grupo no computador, usando o programa Adobe Photoshop o restante, achei melhor padronizar todo o trabalho com o lápis de cor.

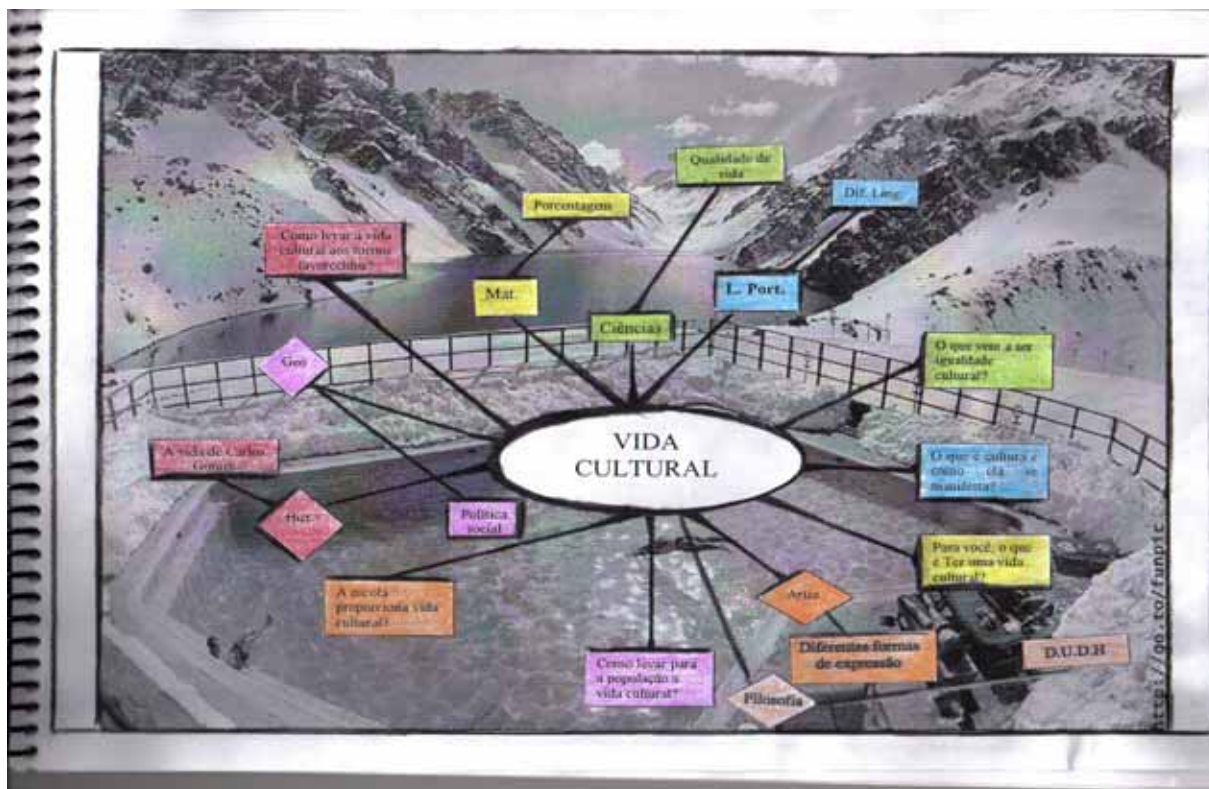


Da nona aula em diante começavam as apresentações dos seminários, e foi se formando também a rede do saber.





Ao final das apresentações, a rede estava formada:



Depois da rede, escrevi sobre o projeto da qual fiz parte nos anos de 2001 e 2002, anexeí algumas fotos referentes ao projeto e uma nova rede foi construída mediante o projeto apresentado.

